

POR UMA LITERATURA HOMOERÓTICA NO NORTE DO BRASIL: ANÁLISE DE *CONFLUENTES*, DE CÁSSIO CIPRIANO

TOWARDS A HOMOEROTIC LITERATURE IN THE NORTHERN BRAZIL: AN ANALYSIS OF “CONFLUENTES”, BY CÁSSIO CIPRIANO

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19959

Davi Pereira Gomes¹

Wallace Rodrigues²

Resumo: Este artigo objetiva problematizar algumas questões que centrem a construção narrativa do erotismo de homens *gays* em obras produzidas por autores LGBTQIAPN+. Para análise de nossas discussões, apresentamos trechos do romance *Confluentes*, livro finalista do I prêmio Caligari LGBTQIAPN+, de autoria do escritor araguaíense Cássio Cipriano, que tematiza a questão homoerótica. Metodologicamente, a análise centra-se em analítica-interpretativa a partir das questões de gênero e homoerotismo. Dessa forma, analisaremos homens *gays*, dentro de uma construção literária, que mesmo contemporânea ainda reproduz binarismo hegemônicos.

Palavras-chave: Literatura gay; *Confluentes*; gênero; homoerotismo.

Abstract: This article aims to problematize certain issues that structure the narrative construction of gay men's eroticism in works produced by LGBTQIAPN+ authors. For the purposes of our analysis, we examine excerpts from the novel *Confluentes*, a finalist for the First Caligari LGBTQIA+ Award, written by the Araguaína-born author Cássio Cipriano, which thematizes homoerotic experience. Methodologically, the analysis adopts an analytical–interpretive approach grounded in discussions of gender and homoeroticism. In this sense, we analyze representations of gay men within a literary construction that, although contemporary, continues to reproduce hegemonic binaries.

Keywords: Gay literature; *Confluents*; gender; homoeroticism.

Introdução

Este artigo problematiza questões que se centram na construção narrativa do erotismo de homens *gays*, em obras produzidas por autores LGBTQIAPN+ no Brasil. Tendo em vista uma crescente produção e publicação de obras que, na contemporaneidade, discutem temáticas *gays* e lésbicas.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: dvgomesuft@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4862-0834>.

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-doutor pela Universidade de Brasília (UnB/POSLIT). E-mail: wallace@uft.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>.

Diante disso, nosso objetivo é, discutir sobre como o discurso narrativo produz personagens negros e quais lugares esses personagens assumem nas narrativas, uma vez que a produção literária de temática LGBTQIAP+ tem se tornando cada vez mais acessível e, de modo geral, se tornado objeto de pesquisas que se propõem a discutir sobre temáticas a abordar o homoerotismo, masculinidades, feminismos, sexualidades e tópicos correlatos³.

Notamos que, com o advento dos aclamados *streamings*, os livros de temáticas *gays* e *lésbicas* têm sido amplamente divulgados e vêm sendo base para a produção de seriados de TV, séries e filmes em várias plataformas digitais, como, por exemplo, *Heartstopper: dois garotos, um encontro*, uma série original da Netflix, baseada no livro de mesmo nome, da escritora inglesa Alice Oseman, que narra a história de dois garotos, Charlie Spring e Nick Nelson, que se descobrem mais do que simples amigos e precisam costurar um romance às escondidas dentro de um contexto escolar. Do mesmo *streaming*, a série britânica *Sexeducation* apresenta conflitos entre jovens e adolescentes sobre suas sexualidades e contextos sociais vivenciados no ambiente escolar. Ambas as séries são oriundas de obras que tematizam liberdades sexuais e erotismo.

Não só as plataformas digitais movimentam e se baseiam em obras com temáticas homoeróticas, mas o mercado editorial possui uma corrente de editores interessados em publicar livros e coletâneas de textos, a exemplo de editoras como Caligari, editora do grupo editorial CJT, focada na publicação de livros LGBTQIAPN+ de gêneros diversos, como quadrinhos, ficção científica, romances, entre outros. Tais livros reverberam temáticas sobre os diversos discursos de temáticas LGBTQIAPN+ e são disponibilizados no mercado para que todos possam desfrutar de leituras literárias críticas e atuais.

Em 2022, a referida editora publicou a obra *Confluentes*, romance finalista do I prêmio Caligari LGBTQIAPN+, do escritor araguaense, Cássio Cipriano ao tematizar a questão homoerótica. Os personagens que protagonizam o romance, Gael e Teo, vivem no interior do Tocantins. Teo é jovem, professor universitário que se apaixona pelo médico veterinário Gael.

O romance é margeado pelas paixões avassaladoras, sexualidade e homoerotismo. O autor ainda possui outras produções como “*Panetones Baratos*”, obra que foi traduzida para

³ Vale informar que os conceitos de bissexualidade, homossexualidade, heterossexualidade e assexualidade são os tipos de orientação sexual. Esses conceitos também são conhecidos como orientação afetivo-sexual, uma vez que não diz respeito apenas à sexo. Orientação sexual diz respeito, também, à forma como nos sentimos em relação à afetividade e à sexualidade. Ainda, heterossexuais são as pessoas que têm sentimentos afetivos e atração sexual por outras com identidade de gênero diferente; e homossexuais são pessoas que nutrem sentimentos afetivos e atração sexual por pessoas com a mesma identidade de gênero.

língua espanhola; “*E agora*”, “*Depois do futebol*” e textos nas antologias “*Salem queer*” e “*Você não está sozinho*”.

Sabemos que a temática homoerótica, em livros literários, não é um assunto novo, nem muito menos um acontecimento das novas gerações de leitores que se formam nos bancos acadêmicos e escolares. Na literatura brasileira, encontramos obras que tematizam o homoerotismo tais como: “*O Bom-Crioulo*” (2013), de Adolfo Caminha, “*Pilates e Orestes*”, de Machado de Assis, “*Frederico Paciência*”, de Mario de Andrade, “*O menino da Gouveia*”, de Capadócio Maluco, dentre outros autores e obras que levaram à baila a temática homoerótica na literatura, assim como Caio Fernando Abreu, Cassandra Rios, João Silvério Trevisan, Silviano Santiago, Aguinaldo Silva, Hilda Hilst, ou seja, escritores que sempre promoveram debates ao questionar os “lugares sexuais”.

Tais discussões tomam espaços, no campo literário, com o advento das conquistas sociais, com lutas por direitos e liberdades, como também, por uma luta social das classes minoritárias que nunca foram representadas nas narrativas literárias canônicas como protagonistas, como é o caso de negros, *gays*, lésbicas, dentre outros grupos. Tais grupos sempre foram relegados à subalternidade e à marginalização pelas classes que dominam e selecionam o literário que pode ou não ser publicado.

Para Silveira e Silva (2023, p. 253), temáticas homoeróticas “eclodem em um momento historicamente marcado por discursividades mais abertas, mais dialogais quanto às questões de ordem afetiva, sexual, de subjetividade, estilo de vida”. Em um tempo que podemos falar do sexo sem segredos e obscurantismos são construídas identificações e representações que se organizam para discutir sobre gênero e sexualidades ao pensar os homossexuais em uma narrativa que os tire de uma sombra marginal e os coloquem no centro, promovendo representações de uma sociedade que não permite mais “guetos” segregacionistas forçados.

Pensando nessas crescentes construções narrativas com temáticas homoeróticas, propomos discutir como essa construção do homem *gay* negro tem sido representado em narrativas homoeróticas, uma vez que, o que buscamos são narrativas que se coloquem diferentes das que já estamos habituados na literatura escolarizada.

Teórico-metodologicamente, buscaremos traçar discussões qualitativas que problematizem homens *gays* dentro do romance *Confluentes*, enfocando à estética discursiva, na literatura homoafetiva contemporânea, como uma forma de expressão artística e de resistência social.

1 É literatura gay ou homoerótica?

A literatura brasileira tem uma dívida impagável com os grupos sociais que sempre foram marginalizados do protagonismo dentro das obras literárias, como negros, *gays*, lésbicas, homossexuais, entre outros. Vale lembrar que a literatura escolarizada (que, até hoje em dia, passa por um crivo ferrenho de uma censura social moralizante heteronormativa), no Brasil, sempre deixou de lado não somente as obras com personagens marginais, mas também aquelas onde os personagens eram, de alguma forma, moralmente “desviantes”.

Os autores e obras que abordam questões *gays*, homoeróticas e lésbicas que, cumpre notar quer, não são poucos na atualidade, recorrentemente, são silenciados e invisibilizados pela seleção especializada da crítica literária e da historiografia literária brasileira. Um bom exemplo disso, é a autora Cassandra Rios, que teve muitas obras publicadas e pouco reconhecimento de seu trabalho literário no ambiente escolar e universitário. Sobre essa invisibilidade, Mendonça (2018) alude que

A verdade é que existe um grande número de obras que tratam desses grupos e de autores que fazem parte dele, porém, quando esses têm ao menos a chance de serem publicados, ou não recebem a relevância devida, ou a questão LGBT presente nas obras é apagada, procuram outros aspectos para serem discutidos e boicotam aquilo que não querem ou fingem não enxergar (Mendonça, 2018, p. 1-2).

Destarte, a literatura *gay* ou homoerótica é banida das seletas literárias e configurada como literatura marginal, literatura menor dentre outros aspectos ao denotar tentativas de invisibilidade e censura.

Segundo o Grupo de Estudos Contemporâneos da Universidade de Brasília, liderado pela professora e pesquisadora Regina Dalcastagné (2005), podemos constatar a falta de representatividade dos grupos minoritários (*gays*, mulheres e negros) existentes no meio literário. A pesquisa desenvolvida pelo grupo apresenta dados que podemos partilhar: de 1965 a 1979, temos 88,8% de personagens heterossexuais nos 131 romances estudados; de 1990 a 2004, temos 81,0% em 258 romances; e de 2005 a 2014, temos 85,7% em 303 romances analisados pela pesquisadora. A porcentagem restante está dividida entre homossexuais, bissexuais, assexuados, ambígua/indefinida, não pertinente e sem indícios. Esses dados levaram em conta obras publicadas pelas principais editoras do país durante esses anos.

Dessa forma, as pesquisas comprovam que a falta de representatividade é um *déficit* contido na construção das narrativas literárias brasileiras e que a literatura contemporânea

assume uma importância muito significativa, pois se encarrega de propiciar “lugares de fala” às vozes antes invisibilizadas.

Além disso, a literatura brasileira contemporânea promove uma ruptura que desestabiliza a tradição literária, ao colocar em evidência um novo *corpus* e novas discursividades antes censuradas e destituídas de espaços no campo narrativo. Silva e Fernandes (2011) asseveram que:

[...] a autoria textual, principalmente no sentido da produção literária gay, adquire dimensão relevante, porque desestabiliza toda **uma tradição literária que fora firmada, nas sociedades e culturas ocidentais, na imagem de homens heterossexuais, brancos, cristãos e patriarcais, cujos valores se assentavam na exclusão das mulheres e dos homossexuais**. Primeiramente, criando entraves para que as mulheres não escrevessem. Paralelamente a esse entrave, a construção da inexistência do homossexual, fosse no cotidiano das sociedades, fosse no imaginário ficcional, locus em que o gay não aparecia, e quando surgia, era para corroborar ideias preconceituosas acerca dos efeminados, dos sodomitas, dos pederastas, dos sujeitos cujo amor não ousava dizer o nome (nem estatuto de sujeito eles poderiam reivindicar, porque eram considerados abjetos, párias ou escórias sociais), uma vez que eram identificados não pela subjetividade ou identidade, mas pelos atos que cometiam (Silva; Fernandes, 2011, p. 137, grifo nosso).

Nessa perspectiva, a temática *gay* e homoerótica toma corpo a partir de lutas históricas por direitos sociais e buscas por representatividade em espaços sociais dos mais variados, seja no campo das artes, política, cultura e etc. As mudanças no comportamento da sociedade não permitem mais que construamos narrativas excludentes ou que insiramos tais sujeitos no campo da subestimação e da clandestinidade. Essa desestruturação social desestabiliza as bases da tradição literária, que se vê obrigada a mudar suas discursividades, admitir erros e fazer reparações de cunho moral e político na construção literária brasileira.

Ainda, os movimentos homossexuais no Brasil começaram a ganhar mais visibilidade nos anos 1970, acompanhados de outras organizações políticas que se movimentavam e erguiam vozes, como o movimento feminista, que já tinha um percurso histórico durante todo o século XX, e o movimento negro. Para o americano James Green:

Ainda não sabemos a história completa sobre a fundação dos primeiros grupos politizadas de homossexuais na América Latina, mas parece que a maioria dos grupos que surgiram no início dos anos de 1970 e 1980, tiveram entre seus fundadores e líderes, membros de partidos comunistas ou de seus grupos dissidentes, ou ainda, provenientes de outras formações esquerdistas (Green, 2003, p. 12).

Um dos marcos de luta homossexual, no Brasil, foi a criação do grupo “SOMOS” (Grupo de Afirmação Homossexual) e o jornal *Lampião*, com enfoques acentuadamente políticos e sociais sobre os direitos dos homossexuais. Regina Facchini (2009, p. 13) afirma

que o jornal “se voltava para um enfoque acentuadamente social e político da homossexualidade, assim como de outros temas políticos afins e até então considerados ‘minoritários’, como o feminismo e o movimento negro.” Tais veículos foram importantes para os movimentos ao encontrar um caminho para publicização de temas que precisavam ser visibilizados pela comunidade acadêmica e por políticas sociais.

Nos anos 1980, com o surgimento da AIDS, os movimentos homossexuais sofreram uma grande desmobilização, porquanto os grupos moralizantes da sociedade associavam a doença a um certo tipo de “câncer gay”. E com o avanço da doença, entre indivíduos *gays*, intensificou a homofobia já existente, tornando assim, o movimento enfraquecido, mas não desmobilizado totalmente. Nos anos que se seguiram, alguns pensadores consideraram rever o termo homossexuais e homossexualidade, uma vez que foram associados e codificados como uma doença, na Organização Mundial da Saúde (OMS), que também teve que rever e retirar a homossexualidade do código internacional de doenças.

Para Mably Lopes de Castro (2017, p. 4):

A utilização do termo homossexualismo e homossexualidade foram constituídos e amplamente divulgados pela medicina no século XIX e XX, caracterizam indivíduos que se relacionavam com o mesmo sexo, ou que se supunha relacionar, visto que características afeminadas poderiam ser causas de estranhamento e condenações. Seja na área médica, legal ou religiosa, as práticas desses indivíduos eram consideradas abomináveis, pecado contra a natureza, sodomia, transgressão às concepções hegemônicas da época.

Com isso, a crítica literária passou a considerar o termo “homoerótico”, uma vez que possui um significado mais abrangente em relação aos homossexuais e às afetividades *gays*. Ele não faz referência a um grupo social identitário, mas consegue abarcar indivíduos que formam a base da sociedade. Para Jurandir Freire Costa (1992, p. 21) “é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejo dos homens.”

Assim, é preciso entender que os estudos da literatura homoerótica ou homoafetiva, para efeitos de análises estão passíveis de influências da literatura *gay*, lésbica e dos estudos *Queer*⁴ norte-americano. Este último permite pensar a fluidez das identidades sexuais e de gênero. Guacira Lopes Louro (2001, p. 550) pontua que “a Teoria *Queer* permite pensar a

⁴ “A Teoria *Queer* emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais de gênero. [...] A escolha do termo *Queer* para se autodeterminar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade. [...] Teórica e metodologicamente, os estudos *queer* surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação” (Miskolci, 2009, p. 150-152).

ambiguidade, a multiplicidade a fluidez das identidades sexuais e de gênero, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.” O termo *queer* (originalmente um palavrão como “bicha” no Brasil) consegue abranger uma grande gama de formas *gays* de ser e de estar no mundo, não sedimentando comportamentos e atitudes.

Os estudiosos da teoria *queer* compreendem a sexualidade de uma maneira “foucaultiana”, como dispositivos históricos do poder, em que o poder postula uma certa ideia de “verdade sobre o sexo” para produzir corpos sexuados. Foucault alude que:

A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (Foucault, 2014, p. 115).

Para Foucault (2014), os dispositivos sexuais se dão por meio de técnicas móveis e polimorfos como as conjunturas de poder, agindo de maneira a manter um controle e um domínio sobre os corpos. Para Judith Butler, “os corpos não se conformam nunca, completamente com as normas pelas quais sua materialização é imposta” (2000, p. 54) e, por isso, a sexualidade vem a ser algo tão pessoal e única. Dessa maneira, à medida que os corpos tendem a se desvincular daquilo que lhes é imposto eles são marginalizados e excluídos de uma sociedade hegemônica.

Com os avanços culturais, políticos e as mudanças de comportamento da sociedade bem como as conquistas de direitos sociais pelas classes tidas como minorias (*gays*, mulheres, negros, imigrantes etc.), podemos dizer que a literatura homoerótica assim como todas as representações literárias não é direcionada a um único perfil de leitor. Mesmo que os códigos utilizados na escrita conjeturem vivências de um determinado grupo social, ou ainda sirva como forma de denúncia, a literatura é objeto de apreciação de todos os indivíduos que se propõem a experimentar suas representações estéticas no discurso literário.

2 Confluentes, um romance gay no norte do Brasil

O romance *Confluentes*, do escritor Cássio Cipriano, é um texto que possui uma sustentação estética e representativa importante para a literatura produzida no Tocantins. O referido romance apresenta uma relação homoafetiva entre dois jovens no norte do Brasil, região brasileira moralmente conservadora. O cenário das ações é o interior do Tocantins. Não

é muito descritivo, mas contém uma narrativa de ações dos personagens que estão sempre em busca de motivos para estarem juntos.

A obra é narrada em primeira pessoa e possui 15 capítulos, as ações se alternam ora na chácara, ora na cidade (casa de Teo). O enredo se concentra em contar o romance de Teodoro (Teo), um professor universitário e Gael um médico veterinário recém-formado. Teo encontra Gael quando vai para a chácara de sua avó Alzira, após ficar desempregado da faculdade onde lecionava e sofrer com fim de um relacionamento agenciado por aplicativo de paquera.

Sobre as mais variadas formas de encontros afetivo-sexuais Teo nutre uma reflexão acerca desses dispositivos tecnológicos muito utilizados pela comunidade *gay* da atualidade. Podemos observar no trecho pensamento sobre os aplicativos de “pegação” *gay*:

O ambiente dos aplicativos, por vezes, é frio e tóxico. É como uma vitrine em que nos expomos por vontade própria, muitas vezes sem considerar o quão vulneráveis estamos nos sentindo naquele momento para lidar com a superficialização e a objetificação da nossa própria imagem, através de fotos que precisam ser estrategicamente escolhidas para um perfil, a fim de chamar atenção de desconhecidos (Cipriano, 2022, p. 25).

Ao refletir sobre os meios com os quais os homens *gays*, por vezes, promovem seus encontros por meios digitais Teo evidencia o quanto ainda estão vulneráveis quanto as suas identidades e afirmações, pois tendem a se colocar nessa objetificação e superficialidade de uma possível aceitação de seus corpos.

O romance em questão, que fala de homoerotismo por meio de seus personagens, é escrito por um homem *gay* e, por isso, possuidor de propriedade para assumir esse lugar de narrar sobre as experiências homoeróticas, sejam suas angústias, alegrias e inquietações sobre os comportamentos sociais vigentes. Essas angústias são observadas quando o personagem Teo fala sobre como os aplicativos de paquera podem causar desconfortos emocionais e psicológicos, muito pela exposição a que os corpos *gays* são submetidos.

A composição estética da capa do livro mistura cores avermelhadas ao apresentar uma dualidade sexual, com um homem de cor parda e um branco, um franzino (afeminado/passivo) e outro mais forte (parrudo/ativo). Essa tensão imagética ambienta um clima homoerótico do ponto de vista da sexualidade imaginada pelo senso comum e fomentada no romance em uma construção narrativa que corrobora com os estereótipos que ilustram muitos textos homoeróticos da literatura brasileira. Para essa ilustração, apresentamos a capa do livro na figura a seguir:



Imagem I - Capa do romance *Confluentes*.

A capa é uma apresentação/chamamento para a narrativa em questão, pois apresenta dois personagens postos, pelo narrador, em lugares sexuais predeterminados. Tais lugares estão, assumidamente, no discurso social vigente, ainda muito marcados pelo patriarcado que coloca o homem em uma posição machista e sexista, em que o homem viril é aquele que não demonstra sentimentos e afetos pelo próximo, promovendo assim um binário: ativo *versus* passivo, em que o homem *gay ativo* seria aquele que demonstra força, virilidade, não fala de seus sentimentos e não assume sua fluidez sexual, reverberando assim uma masculinidade hegemônica.

Por masculinidade hegemônica entendemos o que Connell e Messerschmidt (2013) apontam que é:

A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse (Connell; Messerschmidt, 2013, p.245).

Esta combinação de poder e dominação paira sobre o imaginário LGBTQIAPN+ como masculinidade do *gay* ativo, ou seja, aquele que no ato sexual é o que penetra, domina etc,

enquanto delega o lugar do homem *gay* passivo ao que possui traços mais sentimentais, femininos e sensíveis.

Na narrativa em questão, Teo (passivo), é cuidadoso, é escritor e cria expectativas sexuais mais desinibidas, já Gael (ativo), é retraído, rústico e possui traços mais tímidos quanto a sua identidade de gênero. O ativo não assume seu lugar de homem *gay*, mas de um sujeito que se utiliza desse lugar para satisfazer seus desejos, possibilitando uma interpretação que seja bissexual, vive conflitos internos de aceitação e medo da rejeição familiar.

É possível observar essa dualidade quando Teo se encontra com Gael pela primeira vez na chácara de sua avó e o cumprimenta. Podemos observar trecho a seguir que descreve esse encontro:

– Ahh! Muito prazer, Teo – ele diz, estendendo a mão a me cumprimentar. – Dona Alzira falou mesmo que você viria.
– Prazer é meu, Gael.
Que homem mais lindo, que sorriso mais encantador. Um verdadeiro “homão da porra”.
Pele parda, alto.
Pera!
Olhando bem, não tão alto assim. As botas dão uma aumentada no seu tamanho.
Estatura média, próxima à minha.
Cabelos castanhos e olhos da mesma cor. Sua barba fechada tem um tom só um pouco mais escuro que os seus cabelos.
Forte. Beeem diferente de mim, que sou franzino (Cipriano, 2022, p. 37-38).

Nesse fragmento do texto é possível ver o olhar de desejo que Teo lança sobre Gael e como isso vai sendo colocado a partir das falas do personagem ao se posicionar como “franzino”, “estatura próxima a minha”, “bem diferente de mim”. De outro modo, Gael é o oposto, “homão da porra”, “estatura média”, “pele parda, alto” e “forte”. Todos esses adjetivos que são atribuídos a Gael reverberam uma masculinidade que, na leitura do texto, vai dando pistas de que ele seja o ativo da relação estabelecida entre os dois. Teo assume o lugar de passivo, tendo traços e trejeitos que favorecem uma feminilidade, mesmo que sutil, mas que denotam seu lugar de ser “dominado”.

Em outro momento da narrativa, é possível ver que os personagens que protagonizam o romance assumem suas sexualidades, onde podemos observar no diálogo estabelecido entre Teo que assume ser homem *gay* com naturalidade e Gael que timidamente se assume bissexual⁵. Vejamos:

⁵ Pessoas bissexuais (cisgêneras ou transgêneras) são indivíduos que se atraem emocional, afetivo e sexualmente por mais de um gênero. Apesar do prefixo -bi, de bissexual, essa identidade não compreende o mundo de maneira binária, dividindo as pessoas de modo reducionista: homens “ou” mulheres. A bissexualidade reconhece

– Então... – Gael faz uma pausa e prossegue: – E eu sei sobre... Você sabe. Sobre você ser...
Entendo que ele queira se referir à minha orientação sexual, mas não sabe ao certo como lidar com a situação.
– Tudo bem, Gael – digo, dando de ombros. – não é nenhum segredo. Todo mundo sabe que eu sou gay. Sou muito bem resolvido com minha sexualidade.
– Eu sei. E o admiro muito por isso. – fico meio sem jeito. Não esperava ouvir algo assim. – Para mim, as coisas são um pouco complicadas – ele completa. – Minha família sabe, mas prefere fingir que não.
– Hummm... Espera aí – digo. – Quer dizer que você também... ?
– Uhum – murmura, antes mesmo de eu concluir a pergunta. – Gay, não. Sou bissexual. (Cipriano, 2022, p. 47-48)

Sobre essa classificação das situações de gênero, em que cada personagem assume sua identidade de gênero e dela toma partido, Pierre Bourdieu (2024), em seu livro “*A Dominação Masculina*” discorre serem esses “papéis” lugares de poder, onde predomina uma ideia de posse e de coisa possuída. Bourdieu assevera que uma rede de dominação “dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada” assim como o desejo feminino pela dominação “como subordinação erotizada”, em que “as posições e os papéis assumidos nas relações sexuais, ativos ou passivos principalmente, mostram-se indissociáveis das relações entre as condições sociais que determinam” (Bourdieu, 2024, p. 31).

Esses lugares são ressaltados em todo o romance, porque é perceptível essa construção narrativa na voz do narrador, sendo que não existe uma troca, mas sempre uma tentativa de normalizar que um é quem está no lugar de masculino (ativo) e outro do feminino (passivo). Além de colocar em evidência que quem sempre avança em direção ao ativo é o passivo, tornando o passivo desavergonhado, desenfreado e sedento por sexo. Foi assim na primeira noite, dentro do romance, em que os dois ficaram juntos como podemos observar no trecho:

Então, ele cola no meu corpo, me envolvendo em seus braços e pegando firme em minhas costas. Não resisto aqueles olhos castanhos, aquela barba bem desenhada, então avanço em cima dele, como um lobo selvagem atacando uma presa na floresta, e o encho de beijos, agora não mais delicados. Nossos beijos são intensos, e os toques, despudorados. Ele para de me beijar e descer até o meu pescoço, roçando sua barba e mordiscando de leve a minha pele (Cipriano, 2022, p.70-71).

Diante disso, o que estamos evidenciando até o momento, no texto, é uma relação de dominador e dominado, o que é também verificado em outros textos da literatura, como por exemplo, em *O bom-Crioulo*, onde um relacionamento entre as personagens retoma a uma ideia clássica de pederastia, no qual há uma troca entre o sujeito mais velho e o mais novo.

a dimensão do afeto e do desejo, podendo, ou não, haver predominância de afeto e/ou de desejo em relação a um gênero específico (Reis; Fraga, 2016, p.79-84).

Amaro é constituído enquanto um homossexual viril que vê na imagem feminina de Aleixo um sujeito fraco e passivo, necessitado de proteção, dado que, em todas as relações sexuais entre os dois, Amaro era o único que penetrava (ativo).

Dessa temática, podemos observar que a voz narrativa não se distancia do que já estamos acostumados no curso da historiografia literária, que é uma relação que não avança no quesito estético, ou seja, segue os passos de um texto ainda muito carregado de preconceitos velados, de lugares determinados e de relações que se dão de maneiras animalescas, sem uma troca mútua de sentimentos e convicções de ambos os personagens. Nessas passagens, a afetividade humana homoerótica fica claramente de lado em detrimento de uma descrição puramente sexual.

No romance *Confluentes* mesmo com temática e lugares de representação contemporâneos, de grupos ainda excluídos da voz narrativa, é possível observar uma certa timidez do personagem Gael. Constatamos isso quando se declara bissexual. No trecho que segue podemos verificar essa *declaração* “– Hummm... Espera aí – digo. – Quer dizer que você também...? – Uhum – murmura, antes mesmo de eu concluir a pergunta. – Gay, não. Sou bissexual (Cipriano, 2022, p. 47-48).

Dessa forma, Gael tenta desassociar-se da imagem do homem *gay*, porque o deixa pessoalmente desconfortável. Ele só assume que, de fato, está namorando, no desfecho do romance, capítulo 15, quando já não consegue distinguir o que sente por Teo.

Enquanto isso, Teo, que assume a figura desinibida e claramente *gay*, identificando o que sente, vai tentando, durante o curso do romance, fazer com que o outro se sinta confortável para assumir sua identidade de gênero.

Nas variadas cenas de intimidade dos personagens, a relação de passivo e ativo é marcada a todo momento. Há uma relação que já está estabelecida pela voz narrativa e que não foge às regras em todo o enredo. Diante disso, é possível afirmar que muito da literatura *gay* ou homoerótica ainda é escrita do ponto de vista de lugares de representação temática e social estereotipados e que ainda não se desvencilhou dos traços narrativos hegemônicos heterossexuais estabelecidos pelo cânone literário.

Para Camargo e Gomes (2025), essa construção narrativa normativa ainda persiste porque:

Estamos levando em conta uma preocupação dos escritores em produzir narradores que possam colaborar com um contexto ainda normativo na literatura, já que os

escritores desses romances são vistos como expoentes em seus trabalhos e ocupam lugares considerados privilegiados ou honrados (Camargo; Gomes, 2025, p.82).

São esses lugares “honrados” que insistem em perpetuar estereótipos e preconceitos que contribuem para que o machismo, sexismos e masculinidades ainda permeiem texto literários que deveriam fomentar uma nova roupagem discursiva na literatura contemporânea.

Ante o exposto, a narrativa analisada, mesmo contemporânea é um exemplo de perpetuação desse estigma narrativo na construção de personagens polidos e, por vezes, confusos com sua identidade sexual, uma vez que a voz narrativa contribua para que obras LGBTQIAPN+ circulem no meio editorial e promovam uma fluidez de gênero nas narrativas. Ou seja, ainda há muito o que se fazer para mudar a realidade e promover liberdades sexuais nas relações homoeróticas.

Considerações finais

É notório que a temática homoafetiva abordada em *Confluentes* é urgente na literatura nacional. Dentre tantos textos literários que abordam gênero e sexualidade, o enredo apresentado é um exemplo de obra que se completa na construção literária e estética *gay*, mas que ainda reverbera lugares hegemônicos e clássicos da história da literatura brasileira.

Compreendemos que a literatura de resistência, mesmo ela, ainda não se desvencilhou da reprodução de uma estrutura social de dominação masculina, patriarcal, colonizada, elitista, preconceituosa, racista e classista brasileira. Com o referido artigo não desejamos desmerecer a criação e publicação de um romance *gay*, sobretudo, na região norte do Brasil (região ainda marcada por estruturas sociais extremamente conservadoras), mas apresentar uma análise baseada em uma construção narrativa ainda muito polida quando poderia ser de ruptura ao que já está posto no discurso literário.

Do ponto de vista temático, *Confluentes* aborda um assunto de extrema relevância para construção narrativa LGBTQIAPN+ no país, mas peca ao colocar, tão marcadamente, as tradicionais figuras de masculino e feminino na voz narrativa dentro da relação homoerótica apresentada. Mesmo com os corpos ali empregados para conduzir o romance sejam masculinos, a narrativa tende a feminizar o corpo homem para corresponder aos anseios do “homem-macho”, ativo e faz isso quando coloca o “homem-feminino” na voz narrativa, sendo sempre o passivo, aquele que se “dedica” o fornecer prazer ao polo ativo, sendo o que luta para relação vingar.

Tais situações, deixam claro que é preciso que haja movimentos de escritas que desestabilizem esses laços hegemônicos e heteronormativos, na escrita literária homoerótica, pois que não basta só produzir textos de representação *gay*, mas é preciso levar em consideração que a valorização de uma obra literária parte de diversos fatores que norteiam sua composição.

Silva (2009, p. 36) assevera que “tanto o critério político quanto estético são os determinantes para a construção do conceito de gênero textual (literatura *gay*) também de sua história”. Dessa forma, “fator estético termina sendo, do ponto de vista da crítica e da teoria literária, o critério primeiro e último que fecharia o círculo em torno da questão aventada” (Silva, 2009, p. 36).

A literatura contemporânea é aquela que rompe estereótipos e barreiras, assume e dá direito de um lugar de fala aos sujeitos invisibilizados de seu tempo. Esse lugar de fala, não é só em relação a se posicionar, mas o de existir, de revolucionar ideias e pensamentos vigentes em prol de quem se é, como bem salienta Dalcastagné:

[...] não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão, incorporado no ornamento legal de todos os países ocidentais - mas da possibilidade “de falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido (Dalcastagné, 2012, p. 19).

Ainda, a contribuição da literatura contemporânea e a aparente democratização das mídias e meios digitais vêm colaborando muito para as novas formas de representação das minorias e grupos até então silenciados. E tal caminho também deve ser pensado para todas as obras literárias homoeróticas e de resistências, dando espaço para trabalhos que até então não atingiam o grande público.

Por fim, acreditamos como afiança Rodrigues (2017, p. 245) a existência de “possibilidades poéticas para o ser humano sem a necessidade de se fechar dentro de papéis sociais de gênero pré-definidos”. Que a literatura contemporânea e de resistência possa instaurar essas possibilidades para que possamos construir um discurso literário inclusivo e promissor.

Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 23. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

BUTLER, Judith. “Corpos que pensam: Sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 2. Ed. São Paulo: Martins Claret, 2013.

CAMARGO, Fábio Figueredo; GOMES, Guilherme Augusto da Silva. O que vão pensar de mim? O narrador-operador e os narradores *gays* na prosa brasileira contemporânea. In: SILVA, Edimar Pereira da; CAMARGO, Flávio Pereira (orgs.). *Gêneros e sexualidades dissidentes na narrativa brasileira contemporânea*. Goiânia: Cegraf UFG, 2025. p. 52-69.

CASTRO, Mably Lopes de. *Um breve histórico da literatura homoerótica no Brasil*. In: XII jogo do livro e II seminário Internacional Latino Americano. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

CIPRIANO, Cássio. *Confluentes*. Caligari, 2022.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. 4. ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1. 208p.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 26, p. 13-71, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-40187402>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br>. Acesso em: 15 maio 2025.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Revista Bagoas*, Natal, n. 4, p. 131-158, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas>. Acesso em: 20 maio 2025.

FOCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e terra, 2014.

GREEN, James. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino & Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – Uma política pós-indentitária para a educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 9, p. 541-553, jul./dec. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 dez. 2025.

MENDONÇA, Gabriela Alves Brandão de. *Importância da literatura contemporânea de temática LGBT para a educação*. 2018. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/22566>. Acesso em: 20 maio 2025.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível

em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8863/5105>. Acesso em: 20 out. 2024.

REIS, Tayná Roberta Alves dos; FRAGA, Victor Sousa Barros Marcial e. O que é Bissexualidade? In: RAMOS, Marcelo Marcel; BRENER, Paula Rocha Gouvêa; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá. *Gênero, Sexualidade e Direito: uma introdução*. Belo Horizonte: Initia Via, 2016. p.79-84.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 dez. 2025.

RODRIGUES, Wallace. A cultura andrógina no Brasil do final do século XX: Dzi Croquettes, Ney Matogrosso e Laura de Vison. *Revista Gênero*, Niterói, v. 17, n. 2, p. 233-247, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v17i2.950>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31269>. Acesso em: 20 out. 2025.

Recebido em 01 de julho de 2025

Aceito em 28 de dezembro de 2025